

LABORATÓRIO DE PREENCHIMENTO TRADICIONAL¹

Juliana M. Rabelo²

Adriana Leiria Barreto Matos³

Resumo

O curso Laboratório de Preenchimento Tradicional surgiu a partir de fatores como: a carência do ensino da pintura com materiais tradicionais; a necessidade de se utilizar estes meios para uma expressão visual eficiente; e a constante observação dos métodos de ensino abordados na academia para as disciplinas de desenho. O curso abrangeu alunos das mais diversas áreas de estudo e aliou metodologias práticas, expositivas e demonstrativas ao suporte individual para cada inscrito, oferecendo como resultados principais a superação e a satisfação pessoal. O artigo estuda o ensino da Arte no Brasil, propõe a classificação das técnicas de preenchimento (bem como suas principais características utilitárias e expressivas), e aborda soluções para um melhor desempenho e rendimento das aulas de desenho do curso de Design de Moda da UFC.

Abstract

The group of classes named “Laboratório de Preenchimento Tradicional” came from factors like: lack of teaching painting with traditional materials; the necessity of using these materials for an efficient visual expression; and the frequent observation of the methods that are used at University for drawing classes. Covering students from several study areas, the classes allied practical, expositive and demonstrative methods with the individual assistance for each student, and the main results were overcoming and personal satisfaction. This article studies Art teaching in Brazil, suggests a classification of filling techniques (so like their main utilitarian and expressive characteristics), and proposes solutions for a better performance of drawing classes at Design de Moda course of UFC.

Palavras-Chave: Desenho; ensino; arte.

¹ Trabalho apresentado na Área Temática de Arte no XXI Encontro de Extensão, realizado de 21 a 23 de novembro de 2012.

² Estudante do Curso de design de Moda da Universidade Federal do Ceará, bolsista integrante do projeto de extensão Bolsa Arte – Ilustração para a Moda no período de 2001. ju_rbl@hotmail.com

³ Professora do curso de design de Moda da Universidade Federal do Ceará, coordenadora do projeto Bolsa Arte-Estilismo e Moda .adriana.leiria@ufc.br

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o curso de Design de Moda da Universidade Federal do Ceará conta com cinco disciplinas de desenho, que são obrigatórias até o quinto semestre de curso. Anualmente, 60 alunos são matriculados no curso, vindo em sua maior parte sem nenhuma experiência na área. Ao ter atuado em bolsas de programas ligados à Unidade Curricular de Linguagem Visual dentro do curso há três anos, foi possível perceber as dificuldades dos recém-ingressos nestas disciplinas que envolvem a expressão visual, principalmente nos primeiros semestres. Dúvidas não sanadas, dificuldades não trabalhadas, a falta de estímulo e interesse do aluno, além de tantos fatores mais subjetivos, fazem com que os medos e os desfalques acumulem-se às disciplinas mais avançadas, causando rejeições e bloqueios à prática do desenho.

O despreparo para a imersão no universo artístico é vivenciado com frequência desde os primeiros anos da Educação Primária, no qual, na maioria das vezes, a Educação Artística é tratada como um anexo das outras disciplinas, ocupando o tempo de aula com atividades relacionadas à diversão e relaxamento mental. Ao abandonar as aulas com a chegada do Ensino Médio (ou antes), o aluno perde o contato com o fazer artístico, voltando a tê-lo somente se continuar os estudos da graduação em algum curso que envolva a área. Neste caso, ocorrem os choques iniciais e as dificuldades que devem ser trabalhadas com cuidado para que o então aluno possa tornar-se um profissional pleno.

No atual Pós-Moderno, questiona-se o papel das técnicas tradicionais de preenchimento em detrimento da efervescência das expressões visuais por meios digitais: enquanto as primeiras requerem maior estudo e prática, as segundas se mostram cada vez mais acessíveis. Assim, busca-se compreender a função dos meios tradicionais para uma comunicação visual eficiente, estudando seus efeitos e propriedades nas composições de mensagens.

Tendo em vista estes fatores, propôs-se o Laboratório de Preenchimento Tradicional, curso de um mês que abordou as técnicas de grafite, lápis de cor, tinta acrílica e aquarela. Ao ter combinando conhecimento teórico e prático com metodologias práticas, expositivas e demonstrativas, com ênfase no suporte individual

no progresso coletivo, o Laboratório conseguiu cumprir seus objetivos de ensino e fomento à prática do desenho, enriquecendo a bagagem cultural dos inscitos e a experiência pessoal de docência dos ministrantes.

2. OBJETIVOS

O presente trabalho propõe, como objetivo principal, investigar as características dos materiais de preenchimento tradicional (abordados no Laboratório de Preenchimento Tradicional: grafite, lápis de cor, tinta acrílica e aquarela) para uma expressão visual eficiente.

Os objetivos específicos abrangem uma proposta de classificação dos meios de preenchimento, a pesquisa sobre facilidades e dificuldades em cada método e a reflexão sobre as características e condições de ensino abordados na academia.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada em duas etapas: a primeira constituiu-se do estudo bibliográfico para levantamento de dados e de conceitos, comparação de opiniões e formulação de hipóteses. A segunda parte envolveu uma entrevista realizada com quatro alunas inscritas no curso de Preenchimento Tradicional, idealizado pela autora, e ministrado pelo projeto de extensão Bolsa Arte – modalidade Estilismo e Moda durante o ano de 2012. Os questionamentos terão como foco explorar os aspectos relacionados com a arte e a expressão visual, além da discussão constante sobre técnicas tradicionais de desenho e, finalmente, sobre os incentivos ofertados pela Universidade para a produção artística e para o fomento à busca da expressão individual por meio da Linguagem Visual.

Segundo Gil (1999), a entrevista pode ser classificada como semiestruturada ou semidirigida, posto que foram feitas poucas perguntas abertas, deixando o entrevistado livre em suas respostas, porém com o papel mediador do entrevistador de evitar que os diálogos se desviassem do tema original, e sempre trabalhando com pautas assimiladas. As informações foram gravadas em mídia eletrônica e depois transcritas para uso neste trabalho. A amostra classifica-se como estratificada: selecionou-se uma pequena parcela

representativa do grupo a ser estudado; estas pessoas permitiram divulgar suas respostas completas e seus dados pessoais neste trabalho.

4. O ENSINO DA ARTE NO BRASIL

4.1. Breve histórico

A fim de compreender o ensino da arte no Brasil, remonta-se ao ano de 1816 quando, através da Missão Artística Francesa⁴, Dom João VI fundou a Academia Imperial de Belas-Artes, mais tarde denominada Escola Nacional de Belas Artes. Ali, explorava-se o ensino do desenho, seguindo os moldes europeus e o método de cópias. Apesar de que o Brasil estivesse inserido, naquele tempo, na escola do Barroco, foi o Neoclassicismo francês o adotado pelas elites como referência para o “novo” e, assim, somente uma classe privilegiada da sociedade tinha acesso a esta arte, e esse mesmo grupo desvalorizava as manifestações artísticas que não estivessem em consonância com esses padrões.

Como reflexo deste comportamento no ensino da arte, vivia-se uma concepção autoritária de ensino que se aplicava desde a estrutura física da sala até a atitude dos professores (tidos como os detentores de conhecimento) para com os alunos, bem como sua metodologia utilizada para as aulas:

[a mesa do professor] ficava sobre uma plataforma mais alta, para marcar bem a “diferença”... Ensinava-se a copiar modelos – a classe toda apresentava o mesmo desenho – e o objetivo do professor era que seus alunos tivessem boa coordenação motora, precisão, aprendessem técnicas, adquirissem hábitos de limpeza e ordem nos trabalhos e que estes, de alguma forma, fossem úteis na preparação para a vida profissional, já que eram, na sua maioria, desenhos técnicos ou geométricos. O desenho deveria servir à ciência e à produção industrial, utilitária. (GUERRA, MARTINS e PICOSQUE, 1998, p. 11)

Assim, percebe-se o desenho tratado como um produto, e que era mais importante definir um cânone, a ser rigorosamente seguido por todos os pupilos, do que ensinar maneiras de expressar-se por si só. Percebe-se o desenho de uma maneira técnica, padronizada, sem nenhuma espécie de sentimento embutido.

⁴ Define-se como Missão Artística Francesa o movimento propagado por artistas franceses, no início do século XIX, que trouxe a revolução no panorama das Belas-Artes por meio da inserção do sistema de ensino superior acadêmico e do fortalecimento no Neoclassicismo já instaurado. Deixou como legado a Academia como principal instituição de arte do país, além de libertar o artista dos cânones e laicismos existentes na época.

Somente muito tempo depois, nos anos 1950 e 1960, começou-se a perceber as influências de um movimento já instaurado na Europa e nos Estados Unidos, intitulado Escola Nova. A proposta era a de uma pedagogia com foco no aluno e na criatividade. Desse modo, o direcionamento do ensino da arte passou a ser voltado para a livre expressão e para a importância do processo de trabalho, o que significa uma total oposição aos modelos de ensino até então vigentes: se, antes, os professores tinham como objetivo um resultado final técnico, limpo, organizado e de cunho científico, agora a preocupação atingia os níveis de espontaneidade, expressão pessoal e criatividade do aluno, sendo esta última a mais valorizada no ensino da arte.

Entretanto, essa concepção muitas vezes gerava uma impressão espontaneísta, na qual não havia preocupação com os resultados finais, em detrimento dos processos. Estes deveriam partir do aluno, de seu tempo e vontade, o que, em um grau mais grave, comprometia a sua aprendizagem.

4.2. Reflexões sobre a situação atual do ensino da Arte

Como reflexos dessa corrente de ensino, pode-se observar, ainda nos dias contemporâneos e principalmente nas instituições de ensino básico, as aulas de arte como lazer, diversão e terapia. É comum a presença de atividades ministradas nessas aulas para fins tais quais presentear, decorar, e como auxílio para aprender outras disciplinas. É notória a falta de compromisso com a aprendizagem da arte, em si, como se ela não contasse como conhecimento formal, que estimula o raciocínio e o desenvolvimento pessoal e intelectual do indivíduo.

Sobre este assunto, Andrade et al (2007) defendem a importância do ensino da arte, sobretudo do desenho, no período da infância:

Faz parte do desenvolvimento e do crescimento da criança desenhar. Quando estas são motivadas a desenhar e isto a acompanha em sua vida, sem interrupção, podemos observá-las conseguindo concentrar-se em casa para fazer os seus deveres estudantis, adolescentes com maior facilidade no aprendizado das matérias escolares, adultos escrevendo melhor, compreendendo a comunicação não-verbal, lendo mais e conseguindo um maior relaxamento diante das tensões diárias. (p. 3)

Segundo as mesmas autoras, o exercício do desenho faz estimular o lado direito do cérebro, responsável pelo raciocínio criativo e intuitivo, pelas emoções, sentimentos,

visão global, imaginação criativa, dentre outras habilidades que atrofiam em detrimento do constante uso do hemisfério esquerdo, responsável pelo raciocínio lógico, linear e sequencial ao qual fomos condicionados a pensar e agir.

Entretanto, ainda que frente a tantos benefícios resultantes do ensino da arte nas escolas, é perceptível a desvalorização desta disciplina. Em estudo realizado em 2011, Prandini averiguou as possíveis causas deste tratamento da disciplina de Artes como “apêndice pedagógico (p.2)”, e apontou fatores como a deficiência na formação do professor de Arte, principalmente no tocante à concepção de Educação Artística.

Citando Coragem (1989), a autora afirma que “a falta de clareza quanto à concepção sobre a função do ensino da Arte na escola é (...) um dos fatores responsáveis pela baixa qualidade de seu ensino” (p. 3).

A função social da arte, aplicada desde cedo nas escolas, é a “apropriação do conhecimento artístico [pelos alunos], produzindo novas e diferentes formas de ver e sentir o mundo, os outros e a si próprio” (DENARDI, 2011, p. 4). Cabe a reflexão sobre a importância de olhar para a educação artística como ferramenta de humanização do indivíduo, de estímulo à sua sensibilidade. Mais ainda, encarar o ensino da arte como o ensino da própria história, contada através de registros visuais pelos nossos antepassados: ensinar a olhar o outro, com o olhar do outro, constituindo sujeitos sócio-históricos.

5. TÉCNICAS TRADICIONAIS DE DESENHO

Propõe-se dividir as técnicas de desenho em dois grandes grupos: as técnicas tradicionais e as digitais. No primeiro campo, estão presentes técnicas com materiais como lápis ou grafite, lápis de cor, carvão, pastel seco, pastel a óleo, tinta acrílica, tinta guache, aquarela, dentre outras. Neste grupo estão, ainda, as técnicas experimentais com materiais alternativos tais como algodão, esponjas, folhas, corantes naturais, dentre infinitas possibilidades.

O uso de técnicas mais rudimentares remonta à Era das Cavernas, quando os homens expressavam, em paredes ou em tumbas, cenas de seu cotidiano. Sobre a evolução das técnicas, Pinheiro (2010) afirma que

Durante toda a evolução dos desenhos (...), as técnicas se aperfeiçoaram desde as gravuras, passando por técnicas mais tradicionais como guache e aquarela. As ilustrações continuaram evoluindo nos anos 1920, e nas décadas de 1960 e 1970 se intensificou a utilização da estilização do traço (...) [No] princípio dos anos 1990 (...) a ilustração digital entrou em cena. Com ela, tornou-se possível alcançar um nível maior de realismo nas criações. (p. 246)

As técnicas digitais envolvem softwares gráficos, que podem trabalhar com formas vetoriais ou com imagens em *pixels*, a depender dos objetivos finais a serem alcançados. Alguns programas (pode-se citar o Adobe Photoshop® e o Corel Painter® como os mais populares) possibilitam a aproximação do gesto computadorizado ao resultado semelhante às técnicas tradicionais, por intervenção de seus pincéis.

De modo geral, pode-se afirmar que as técnicas digitais despertam mais segurança no profissional e no aprendiz, pois as plataformas mencionadas permitem os mais diversos tipos de edição, destrutiva (aquela que altera as informações contidas na imagem original) ou não-destrutiva (realizada através de máscaras e/ou camadas de ajuste), além da facilidade gerada pelo recurso “desfazer (control + Z)”

Por outro lado, as técnicas tradicionais, por não permitirem essa correção imediata, podem despertar no indivíduo a capacidade corretiva, e o estimula no sentido da resolução de problemas aplicados ao desenho e mesmo à vida cotidiana. Ainda, por serem trabalhadas em contato físico direto com seu usuário, permitem maior cumplicidade entre o aprendiz e a técnica, contribuindo para a fruição do pensamento, para o pensar e fazer artístico e para uma melhor expressão visual do indivíduo.

Segundo Donovan (2010),

É uma sensação fantástica conhecer um material mais a fundo e entender como manuseá-lo e dominá-lo. Dominar diversos materiais irá ajudá-lo a aprimorar a proficiência e lhe conferirá mais opções para mudar o visual de seu trabalho. (...) Ser prolífico é uma necessidade para ter sucesso (...) no mercado contemporâneo. (...) A habilidade de se adaptar e mudar num clima volúvel é tão importante como desenvolver um estilo único. (p. 133)

Em coerência com o raciocínio do autor supracitado, no Laboratório de Preenchimento Tradicional⁵ optou-se por explorar quatro técnicas de pintura, além de uma aula inicial a fim de relembrar conceitos e propriedades de luz, sombra e

⁵ Discorrer-se-á profundamente sobre o curso no item 8 deste artigo.

perspectiva. As técnicas escolhidas obedecem a uma sequência crescente de dificuldade, iniciando-se pelo contato com os lápis de diferentes porosidades (HB – 9B), e finalizando com aquarela, que envolve água, pincéis e tintas coloridas. Assim, pôde-se introduzir o aluno inscrito à atividade de preencher, estreando o processo com materiais que proporcionam maior segurança; em seguida, acrescentou-se o elemento cor, ainda utilizando lápis (de cor) e, a partir deste conhecimento (bem como os outros, de luz e sombra, inseriu-se a combinação de cores, proporções, dentre outros acumulados durante as aulas). Avançamos para o uso das tintas e, por fim, da aquarela: a técnica que trabalhou em potencial a segurança pessoal dos inscritos.

6. ARRANJO ACADÊMICO ATUAL

Para este estudo, tomaremos como foco o curso de Design de Moda, pertencente ao Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Reconhecido pelo MEC em 2002⁶, o curso, primeiramente intitulado Estilismo e Moda, fornece ao aluno competências tais como a Empreendedora, a Prática-Metodológica, a Científica e a Artístico-Cultural e Criativa⁷, dentro da qual se insere a Unidade de Linguagem Visual. Neste núcleo, estão presentes todas as atividades, projetos e disciplinas relacionados ao desenho, à ilustração e às demais formas de expressão visual.

Dentre as disciplinas obrigatórias e opcionais de desenho do curso, pode-se citar: Fundamentos do Design, Desenho da Figura Humana, Desenho de Moda, Desenho Técnico de Moda, Desenho de Detalhes e Acessórios, Desenho Informatizado e Ilustração de Moda. Atualmente, o curso de Design de Moda conta com um Laboratório de Informática e com um Laboratório de Desenho para abrigar os matriculados nas disciplinas de desenho. Considerando-se o alto número de matriculados por semestre e a quantidade de disciplinas obrigatórias da área, a primeira reflexão se dá é acerca da estrutura física para comportar estes alunos.

Seguindo esta linha de raciocínio, percebe-se que somente um professor é incapaz de dar suporte a todos os alunos, individualmente. Isso desfavorece o

⁶ Dados originados pelo *site* do Instituto de Cultura de Arte da UFC, disponíveis através do endereço eletrônico <<http://www.ica.ufc.br/estilismoemoda/index.html>>. Acesso em 4 de junho de 2012.

⁷ Informações retiradas do *site* do curso de Design de Moda da UFC, disponíveis no endereço <http://www.designmoda.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=48&Itemid=54>. Acesso em 4 de junho de 2012.

relacionamento interpessoal em sala de aula, além de dificultar o aprendizado daqueles alunos que necessitam de maior assistência.

Por fim, a Unidade de Linguagem Visual do curso não conta com um corpo estável de docentes: apenas dois são efetivos, e os demais respondem como professores temporários, tendo de renovar seus contratos a cada seis meses. Diante deste cenário, infere-se a necessidade de unidade no ensino do desenho, a falta de vínculo acadêmico entre professor e aluno e um crescimento pessoal interrompido a cada fim de contrato

Entretanto, resoluções firmadas dentro do campo acadêmico, como as Bolsas de Extensão e de Iniciação à Docência, estão estimulando cada vez mais a produção ligada ao desenho, seja ele artístico ou técnico. Atualmente, o curso de Design de Moda da UFC abrange atividades como as monitorias voluntárias e remuneradas, os nivelamentos (em Desenho Técnico de Moda e em Softwares Gráficos para a Moda), o PET e a própria Bolsa Arte, que vem promovendo oficinas, *workshops* e cursos para dar suporte e incentivo à prática e ao estudo do desenho. A aluna Danielle Ribeiro afirma que “essas iniciativas são muito positivas, devido aos resultados rápidos e ao apoio e a ajuda que os estudantes recebem de outros que sabem mais e, às vezes, têm um jeito diferente de ensinar”.

7. PARCERIAS/FINANCIAMENTOS

Este trabalho foi integralmente desenvolvido em consonância com o projeto de extensão Bolsa Arte – modalidade Estilismo e Moda, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará.

8. PROPOSTA EXTENSIONISTA

Através da observação da defasagem no ensino de técnicas tradicionais dentro da Universidade, e acreditando nas possibilidades permitidas por esses métodos de desenho e pintura, a Bolsa Arte do curso de Design de Moda da UFC ofertou durante o mês de junho o Laboratório de Preenchimento Tradicional, curso cujos objetivos descreveram-se não só em ensinar as técnicas tradicionais já citadas neste artigo, mas também em exercitar a capacidade imaginativa, de abstração e memória visual dos inscritos. Estes se

totalizaram em um número de vinte e quatro, vindos de diversos cursos, de outras Universidades e mesmo pessoas sem nenhuma formação acadêmica.

O curso foi segmentado em módulos, de maneira que o aluno tivesse a possibilidade de se inscrever apenas para aprender a técnica que lhe interessasse. Todos os módulos atingiram o número máximo de vagas permitidas e, para alguns módulos, teve-se de aumentar estas vagas devido à grande procura. Infere-se disto a falta de instituições que promovam o ensino destas técnicas, e sobretudo, percebe-se o interesse de indivíduos das mais variadas personalidades em aprender a se expressar por meios sólidos, manuais.

As aulas, ocorridas três vezes por semana, dividiam-se em dois momentos: o teórico e o prático; na primeira instância, abordava-se desde os primeiros registros de uso da técnica do módulo estudado, explorando sugestões, demonstrações e funções de materiais; discutia-se sobre as mensagens que aquela técnica poderia transmitir e, por fim, exibiam-se produções de alguns ilustradores contemporâneos adeptos da técnica em questão. Em seguida, sugeriam-se exercícios práticos como objetivos daquela aula, que consistiam primeiramente no treino com os materiais e, por fim, em uma composição visual coerente.

Ao fim do curso, pôde-se concluir que todos os alunos alcançaram os objetivos propostos por cada módulo, muitas vezes superando a si próprios, descobrindo novas técnicas e métodos de se chegar ao mesmo resultado final. Ainda que alguns tenham se sobressaído mais em determinados módulos do que em outros, todos demonstraram ter aprendido as técnicas estudadas.

Para além do conhecimento teórico e prático, claramente percebeu-se que o curso contribuiu para a construção de laços afetivos entre os matriculados, como pode-se inferir do depoimento de Karine Lima, participante de todos os módulos do Laboratório:

Querida dividir minha felicidade e satisfação em ter feito parte desse curso, porque ele não só me ensinou técnicas de preenchimento, ele também me ensinou que ainda existem pessoas apaixonantes. Tive a oportunidade de conhecer pessoas que estavam ao meu lado e nunca tive a oportunidade de conversar! (...) Tive a oportunidade de conhecer pessoas que apesar de fazerem parte do meu universo, existia uma barreira invisível e ainda bem que eu pude quebrá-la e perceber como elas são maravilhosas (...)! Tive a oportunidade de saber que nesses momentos não existem diferenças, nem de gênero, nem de gosto e muito menos de geração (...). Tive a oportunidade de

espiar pela fechadura e descobrir os tesouros que estão espalhados lá por fora (...)! Enfim, ficarei morta de saudade de todos (...)!⁸

Observou-se diariamente o comportamento dos inscitos; para fins de organização, essas observações serão focadas em duas categorias: *layout* da sala e comunicação interna. Sobre a primeira categoria, é importante ressaltar que o arranjo físico primário da sala compunha-se de cadeiras organizadas em forma de “U”, com o espaço da ministrante no centro da curva, e o espaço “aberto” entre as cadeiras respeitando a projeção das aulas na parede. Na primeira semana, esta organização foi mantida e os lugares, sempre ocupados pelas mesmas pessoas.

Na segunda semana, que englobou as últimas aulas de grafite e as primeiras de lápis de cor, a disposição das cadeiras passou a ficar mais circular e mais fechada. Nas últimas aulas de lápis de cor, o *layout* foi totalmente desfeito, ficando as cadeiras arranjadas de forma aleatória, bem próximas umas das outras. Nos módulos finais, a presença de uma grande mesa no centro da sala, onde foram reunidos os materiais necessários para os exercícios práticos, fez com que todos abandonassem as cadeiras convencionais e adotassem os assentos de plástico (sem braços), quando não a postura de pé. É possível perceber esta mudança gradual nas duas fotografias capturadas pela autora, expressas pela Figura 1 e Figura 2.

Figura 1 – Aula de grafite



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 2 – Aula de aquarela



Fonte: idem

⁸ Depoimento escrito pela aluna no grupo “Lab de Preenchimento Tradicional”, disponível no endereço <<https://www.facebook.com/groups/484687491547881/permalink/495229770493653/>>. Acesso em 16 de julho de 2012.

Sobre as modificações no arranjo das cadeiras, a aluna Sabrina de Melo Butrago aponta: “Nós sentávamos longe um do outro por um motivo chamado “espaço”; eu não conhecia vocês, então não queria que invadissem meu espaço.”

A gradual modificação do arranjo físico da sala foi refletindo, também, no comportamento dos alunos: se, nas primeiras semanas, eles preferiam lugares afastados, e sempre se sentavam nos mesmos lugares, no decorrer das aulas, os inscritos preferiam sentar-se onde havia espaço próximo dos colegas de curso. Em relação à participação, nos primeiros contatos esta foi mais tímida, enquanto que nas últimas aulas, todos já tinham liberdade de interagir com as bolsistas e principalmente entre si. A importância da abordagem do espaço físico se dá pelo fato de que o arranjo aplicado permitiu maior interatividade entre os presentes, facilitando, assim, a troca de experiências, e enfraquecendo a inibição provinda daqueles que se consideravam “sem talento”. Para a aluna Lívia Perdigão, com o passar do tempo, acaba-se perdendo o medo de errar, e adquirindo-se o hábito de olhar para o trabalho do outro e trocar conhecimento.

9. DISCUSSÃO

Em rápida pesquisa por intermédio da Internet, pode-se observar que muitos cursos ligados à prática do desenho ⁹ possuem o Teste de Habilidade Específica (T.H.E.): um teste de aptidão, aplicado juntamente com a prova de conhecimentos gerais e redação, durante o processo seletivo para ingresso nas Universidades. O T.H.E. cumpre a missão de aprovar aqueles inscritos que demonstrarem ter conhecimento básico sobre desenho, detectando uma possível deficiência do aluno antes que este se matricule na instituição de ensino. Desse modo, o nível dos ingressantes – e, por consequência, o das aulas – é relativamente homogêneo e já tendencioso a se elevar.

Sobre a possibilidade da implantação de um Teste de Habilidade Específica, a aluna Lívia Perdigão aponta: “não sei se um T.H.E. seria adequado, mas deveria existir um curso preparatório. Eu fiz um curso preparatório para T.H.E. quando eu queria

⁹ Pode-se citar a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RJ), dentre outras.

cursar Arquitetura, e me ajudou bastante no primeiro semestre do curso de Design, nas disciplinas básicas de desenho”.

Como já exposto anteriormente, a carga horária das disciplinas de desenho do curso de Design de Moda da UFC é bastante ampla, principalmente aquelas de cunho obrigatório (que, inclusive, são pré-requisitos para outras). Contudo, a maior parte dos alunos ingressos não passou por nenhum curso preparatório antes de iniciar a graduação. Um semestre letivo não é suficiente para transmitir todo o conhecimento relativo a uma disciplina, principalmente para um aluno sem conhecimento prévio. A combinação desses fatores resulta em poucos objetivos atingidos. Além disso, em uma turma de trinta alunos (em média), normalmente os que se destacam ficam vinculados à massa, retardando a sua evolução pessoal e gerando uma grande disparidade de conhecimento que, por consequência, frustra e intimida os estudantes menos amadurecidos.

Outro assunto a ser discutido tem cunho mais subjetivo, e refere-se ao estímulo das interações interpessoais e ao estímulo do lado direito do cérebro dentro do ambiente “sala de aula”, bem como ao reforço dos métodos prático-demonstrativos de ensino do desenho; estes três fatores, quando combinados, podem gerar resultados relacionados à maior participação, interesse, espírito de equipe e de cooperação, tornando o ambiente e o momento de ensino agradáveis e, por consequência, facilitando a comunicação e a aquisição do conhecimento, como comprovado com o Laboratório de Preenchimento Tradicional.

Finalmente, enfatiza-se a importância da ampliação de um corpo docente efetivo na Unidade de Linguagem Visual do curso de Design de Moda, para que haja um acompanhamento mais eficiente do aluno, mas, principalmente, para a criação de vínculos de confiança entre professor-aluno e aluno-aluno, e pelos demais motivos já discutidos no item 6 deste estudo.

10. CONCLUSÃO

As conclusões acerca dos materiais tradicionais de desenho e pintura encontram-se focadas nos suportes grafite e aquarela, por motivos relacionados à escassez de aporte teórico sobre este assunto, combinado ao fato de que estas duas técnicas foram as

mais lembradas pelos entrevistados. Entretanto, pode-se atribuir as propriedades de um material a outro por questões de semelhança física (cita-se o lápis grafite e o lápis de cor, que requerem um nível semelhante de autoconfiança para o seu uso).

Dessa maneira, atribuímos ao grafite a possibilidade realista de representação (graças à grande sensação de profundidade permitida em seu uso), além da criação de texturas e detalhes mais delicados. As alunas entrevistadas alegam ter se surpreendido com esta técnica: “Eu já tinha conhecimento dessa técnica, mas descobri que poderia fazer muito mais!”, disse Livia Perdigão. Já a aluna Danielle Ribeiro surpreendeu-se com as possibilidades do jogo de luz e sombra com o grafite.

No que tange à técnica de aquarela, as impressões das participantes divergiram: se, por um lado, as aguadas convergem para o abstracionismo (gerando a facilidade de uso graças à falta de compromisso com os detalhes de um desenho), por outro, o uso combinado de pincéis, água e tinta geram dificuldade de uso pela redução do controle sobre os instrumentos. A aquarela tende a transmitir leveza e sensibilidade, além de produzir resultados relacionados ao acidente e ao acaso. Para Donovan (2010), “[o processo com a aquarela] resulta numa fluidez e leveza que podem capturar o místico etéreo (...)” (p. 145).

Como reflexões geradas pelo Laboratório de Preenchimento Tradicional, pode-se mencionar, sobretudo a importância dos métodos práticos, expositivos e demonstrativos de ensino nas disciplinas de desenho – alguns estudos defendem que esta prática é mais eficiente para a memorização dos conteúdos. Além disso, cabe expor também a importância do vínculo estabelecido entre professor e aluno ao decorrer do semestre, e da relevância de uma assistência eficiente para este segundo. Este artigo deixa margem para estudos relacionados ao estímulo do lado direito do cérebro na sala de aula e às mensagens subliminares transmitidas pelo uso de cada técnica tradicional de desenho e pintura.

11. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andréa Faria; ARSIE, Keilla Cristina; CIONEK, Odete Mariza; RUTES, Vanessa Pedro Bom. **A Contribuição do desenho de observação no processo de ensino-aprendizagem.** 2007. Disponível em <http://www.degraf.ufpr.br/artigos_graphica/ACONTRIBUICAODODESENHO.pdf>, acesso em 27 de junho de 2012.

DENARDI, Christiane. **O ensino da arte nas escolas e sua função na sociedade contemporânea.** 2011. Disponível em <opet.com.br/artigos/pdf-pg-artigos/O_ENSINO_DA_ARTE_NAS_ESCOLAS_E_SUA_FUNCAO_NA_SOCIEDADE_CONTEMPORANEA.pdf>, acesso em 30 de junho de 2012.

DONOVAN, Bill. **Desenho de Moda Avançado: Ilustração de estilo.** São Paulo: Senac SP, 2010.

GUERRA, M. Terezinha Telles; MARTINS, Mirian Celeste; e PICOSQUE, Gisa. **Didática do Ensino de Arte: a Língua do Mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

NASCIMENTO, Luis Renato do; NEVES, Aniceh Farah. **O desenho de expressão no processo criativo.** *In:* Revista Educação Gráfica, ano 2010, v. 14, nº 01.

PINHEIRO, Gabriela Coutinho. MATOS, Adriana Leiria Barreto. **Ilustração digital na Moda.** *In:* Revista DAMT: Design, Arte, Moda e Tecnologia. São Paulo: Rosari, Universidade Anhembi Morumbi, PUC-Rio e Unesp-Bauru, 2010.

PITHAN, Flávia Ataíde; BERCLAZ, Ana Paula Soares. **Considerações sobre as tecnologias digitais na comunicação visual contemporânea.** *In:* Revista Educação Gráfica, ano 2011, v. 15, nº 01.

PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **Arte na escola: para quê?** 2011. Disponível em <<http://168.96.200.17/ar/libros/anped/2011P.PDF>>, acesso em 30 de junho de 2012.

PULLS, Lourdes Maria. **O desenho como ferramenta universal. O contributo do**

processo do desenho de moda na concepção do projeto de design de vestuário. In
ModaPalavra e-periódico, 2011.